

REVISTA

GEOMETRIA GRÁFICA

A FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO EM PORTO ALEGRE: BREVE ABORDAGEM GEOMÉTRICA

THE IBERÊ CAMARGO FOUNDATION IN PORTO ALEGRE: BRIEF GEOMETRIC APPROACH

Patricia Hecktheuer

Mestre em Teoria, História e Crítica da Arquitetura
Docente Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-5643-7450>

patricia.hecktheuer@gmail.com

RESUMO

Investigação acerca de atitudes geométricas que fundam a sede da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, projeto do arquiteto português Álvaro Siza. Objetiva-se compreender como a forma é indissociável da concepção arquitetônica, num processo de síntese de vários âmbitos de projeto, como programa, representatividade, gesto artístico, escalas e continuidade ao entorno. A análise através dos croquis de seu autor, alguns depoimentos e referências teóricas, foi importante para compreender esta obra de exceção; e a visita à obra propiciou entender como o passeio arquitetônico pode ser gerado por uma forma pertinente.

PALAVRAS-CHAVE: Siza; Porto Alegre; forma pertinente.

ABSTRACT

Research on the geometrical attitudes which establish Iberê Camargo Foundation, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, designed by the Portuguese architect Álvaro Siza. It aims understanding how inseparable are the form and the architectural conception in a synthesis process of various project areas such as program, representativeness, artistic gesture, scales and continuity with the surroundings. The analysis made through its author's sketches, some testimonies and theoretical references was important to understanding this work of exception; and the visit to the



work allowed perceiving how the architectural tour can be generated by a relevant form.

KEYWORDS: Siza; Porto Alegre; relevant form.

1 ÁLVARO SIZA E PORTO ALEGRE

A sede da Fundação Iberê Camargo, obra concluída em 2008, é o primeiro edifício construído em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, para o programa a que se destina: um museu. Congrega a contribuição do pintor Iberê Camargo (1914-1994), artista destacado na cena brasileira, nascido em Restinga Seca, neste estado mais meridional do Brasil. Segundo Álvaro Joaquim Carneiro de Melo Siza Vieira (Matosinhos, Portugal, 1933), para seu primeiro projeto no país, orientou a execução de uma maquete que, mostrada à D. Maria Camargo, viúva de Iberê, decidiu-se pela proposta. Segundo Kiefer (2008), em maio de 2000, o arquiteto chega à cidade, e o próprio Siza afirma: “Gostei de Porto Alegre!” (Siza, 2021). Tratou então de começar o projeto logo após a confirmação do convite, para que o calor permanecesse vivo em seu fazer.¹

Figura 1 - Fundação Iberê Camargo, maquete da proposta



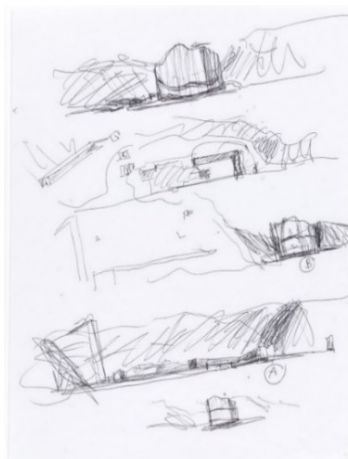
Fonte: Coleção do MoMA, 2014.

Porto Alegre, segundo o IBGE, possui uma área de 497 km² e cerca de 1.500.000 habitantes, situa-se no Pampa, um dos biomas mais degradados do país, constituído por vegetação campestre em relevo predominante de planície, com marcante diversidade de fauna e flora (Fontana; Reed, 2019). Com paisagem de setores rurais e urbanos e grande porção de área plana, entre morros e colinas, estas características aparecem em esboços iniciais do arquiteto para a obra. Interagir com

¹ Entrevista de Álvaro Siza concedida à *Archtrends* Portobello, em 21 de outubro de 2021.

o relevo pautou o lançamento da ideia, reconstruindo a escarpa que rompida pelo trabalho de uma pedreira desativada. Determinante natural também foi o lago Guaíba, de uma “largueza excepcional”, onde o sol refletido proporciona um extraordinário espetáculo ao fim da tarde (Luca, 2009). Nestes croquis a preocupação com a estreiteza do terreno é evidente e, num desenho mais avançado, se vê volumes esboçados em alinhamento não radical. Ortogonalidades e volumes maciços, muito característico nos desenhos de Siza, estão presentes, também ondulações e o esboço de uma esplanada, aparecem. Estas ondulações seriam, no projeto definitivo, rampas que se soltam do corpo do edifício, como tentáculos a avançarem em sentido ao Guaíba, demonstrações da conhecida preocupação do arquiteto com o lugar. A esplanada seria fundamental para a relação do edifício com o entorno urbano próximo.

Figura 2 - Um dos estudos iniciais de Álvaro Siza para a Fundação Iberê Camargo; um volume predominante e a presença determinante da escarpa



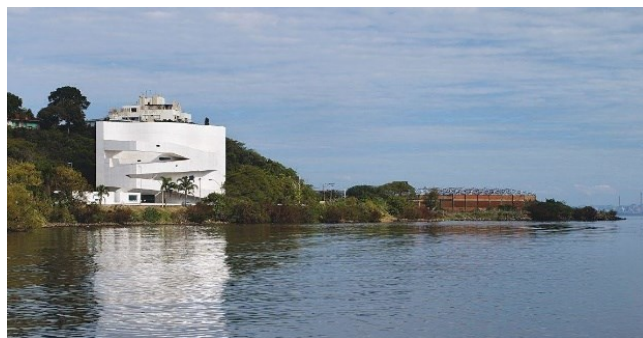
Fonte: Coleção do MoMA, 2014.

Figura 3 - Croqui de Álvaro Siza para a Fundação Iberê Camargo; muito próximo da situação construída. Recomposição da escarpa pela acomodação de quatro volumes



Fonte: Revista Vitruvius (2008).

Figura 4 - Fundação Iberê Camargo, massa branca sobre fundo vegetado. Reconstrução da escarpa



Fonte: Revista Projeto, 2008.

2 O PROJETO

A área total da Fundação Iberê Camargo é de 8.250 m² construídos, o terreno com 8.880 m², tem apenas 2.000 m² de topografia plana que se aproxima de uma forma trapezoidal - é a parte já escavada na rocha. Neste plano são inseridos quatro volumes, todos visíveis à cota da avenida Padre Cacique, de fluxo intenso, que margeia o Guaíba e passa à frente da fundação. Os volumes são afastados da encosta em média 6,50 metros, sem tocá-la, preservando a pedra remanescente e a vegetação nativa.

Figura 5 - Fundação Iberê Camargo - Implantação e Elevação Norte



Fonte: Imagem manipulada pela autora, a partir de arquivo doado por Álvaro Siza ao Centro Canadense de Arquitetura, 2014.

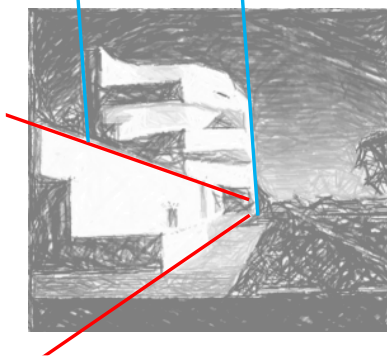
Figura 6 - Fundação Iberê Camargo, afastamento entre o edifício e a encosta. Predomínio do volume considerado principal, aquele que abriga as funções de museu. Rampas lançam a forma em sentido ao Guaíba



Fonte: Site da Fundação Iberê Camargo, 2008.

A obra é constituída de base e torre, esta segunda o volume protagonista da composição, comportando quatro pavimentos correspondentes à atividade principal: o museu guardião do acervo artístico de Iberê Camargo, recebendo também exposições temporárias. É o único volume com mais de um piso acima do térreo - quatro pisos, além do quinto e último - piso técnico ou cobertura. Sob esta atarracada torre há o subsolo que abriga biblioteca, auditório e áreas de apoio.

Figura 7 - Fundação Iberê Camargo, base e torre



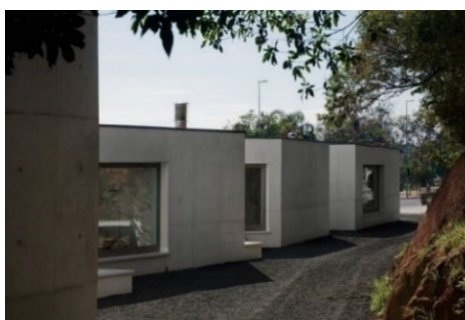
Fonte: A autora, 2023.

Determinado aqui como volume 1, ocupando uma área de 724m² do terreno, a torre tem base poligonal que sofre várias operações formais: base composta por um quadrilátero em que uma de suas porções é recortada por uma forma de arco e assim subtraída, no outro extremo há um esticar do polígono, por um de seus vértices. Características geométricas também determinadas pela estrutura resistente, num equilíbrio entre o peso das rampas e a porção que lhe é oposta na edificação. Seu piso térreo, a partir da esplanada, dá acesso à recepção do museu, numa cota próxima à da avenida, altura de 25,60m, é massa branca, sobre o pano de fundo vegetado, robusta e destacada em relação à paisagem. Considerou-se que esta torre é uma

forma vegetal, que cresce de dentro para fora, controlada pela pressão entre suas células. Tende a arredondamentos que não devem ser entendidos como contorno ou silhueta, mas parte de uma estrutura essencial e interna, onde forma e conteúdo coincidem (Montaner, 2002).

Os outros três volumes - 2, 3 e 4 - são consideravelmente mais baixos e seguem um eixo vertical desde a base até ao topo, com desenho em planta simplificado. Em termos de paisagem, atuam numa escala relativa aos observadores próximos, se depuram formalmente e diminuem sua área construída à medida em que se afastam do volume principal - numa lógica sequencial e hierárquica. Têm janelas voltadas à escarpa, o que possibilita maior intimidade às funções que abrigam, assim como iluminação e ventilação natural, também fundamentais ao programa.

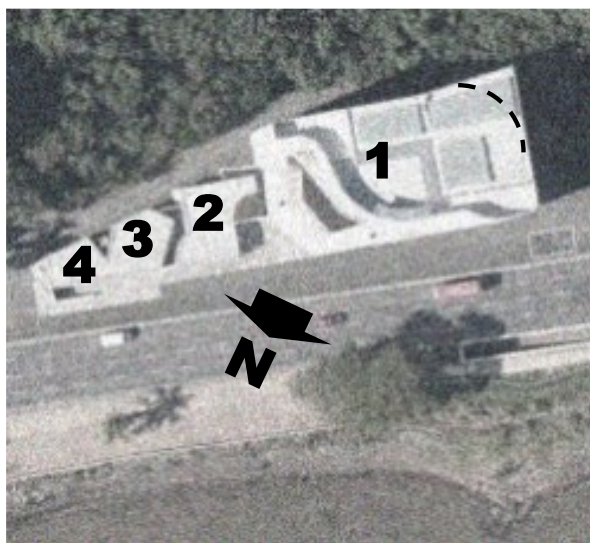
Figura 8 - Fundação Iberê Camargo, relações dos três volumes menores (base) com a escarpa



Fonte: Revista Vitruvius, 2008.

O volume 2 tem uma área de ocupação do solo de 135m^2 , é um polígono de quatro lados, subtraído por um quadrante; contém a cafeteria e a área administrativa e, junto com o volume 1, limita a esplanada de entrada ao museu. O volume 3 é um pentágono distorcido, com área de ocupação do solo de cerca 102m^2 ; contém a oficina educativa. O volume 4 é um polígono que se aproxima da forma trapezoidal, com área de ocupação do solo de 74m^2 ; contém a oficina de gravura. Estes três volumes que compõem a base podem ser descritos por princípios geométricos euclidianos, o que não é consistente para a protagonista torre.

Figura 9 - Fundação Iberê Camargo, vista aérea. Marcação dos volumes edificadas: 1 (Volume 1/ Museu); 2 (Volume 2/ Cafeteria e administração); 3 (Volume 3/ Oficina educativa); 4 (Volume 4/ Oficina de gravura).

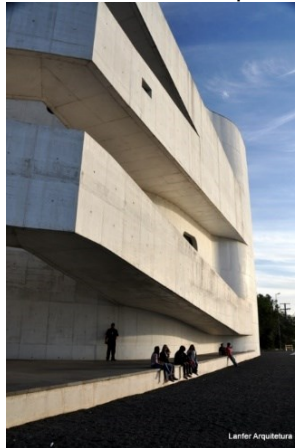


Fonte: Manipulação da autora, a partir do Site Porto Alegre de Cima, 2023.

O passeio público, retilíneo e contido, encontra-se em frente aos volumes 2, 3 e 4 - correspondendo inclusive à chegada da faixa de segurança para pedestres sobre o leito da avenida Padre Cacique²; a partir deste passeio ocorre a distribuição de percursos à cafeteria, às oficinas e ao museu, pela esplanada. Observe-se a curvatura da torre a avançar sobre o passeio público, priorizando o espaço interno, onde a forma extravasa mediada pelo crescimento de dentro para fora, num acolhimento do inadequado. É um ultrapassar dos limites que expõe o imperfeito, forma orgânica, em submissão a pressões internas. Esta parede sinuosa seria, numa reconstrução imaginária, as imediações do limite do rochedo original - o que reforça a ideia de reconstrução do maciço rochoso. A cota mais alta do todo não ultrapassa sequer a cota mais baixa das habitações preexistentes próximas ao cume do terreno – outra ação que evidencia o edifício como continuidade à porção remanescente da escarpa.

² Sob o leito da avenida padre Cacique, há o estacionamento. Uma das possibilidades era colocá-lo na rua oposta, com acessos através da escarpa. Opção descartada por Álvaro Siza, devido à interferência no meio ambiente e necessidade de desapropriar construções pré-existentes.

Figura 10 - Fundação Iberê Camargo, final da plataforma e o passeio se extingue; talvez no limite da escarpa original



Fonte: Lanfer Arquitetura (2020).

Figura 11 - Fundação Iberê Camargo, detalhe da torre que extravaza e avança sobre o passeio, submetida às pressões internas do crescimento orgânico

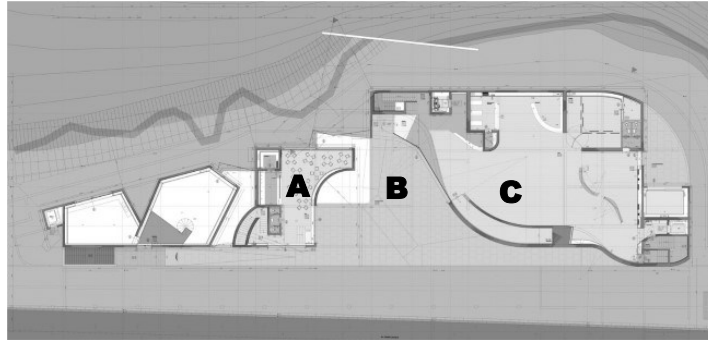


Fonte: Doação do fotógrafo Esdras Toni, 2020.

Os volumes 2, 3 e 4, que se apresentam em continuidade, alinhados ao passeio público e estruturando a escala do pedestre, em planta são claramente visíveis e independentes. Ao passarmos pela avenida, parecem um maciço único; um muro acompanha os volumes 4 e 3 e, ao chegarmos no volume 2, este muro se torna um peitoril de janela, sendo sequenciado por uma mureta que se une ao volume 1, em continuidade à plataforma de acesso. Esta plataforma reforça a ideia de base, e sobre ela está a esplanada, sem grande dimensão, mas com muito destaque. Sobre a esplanada um anel de operações formais complexas afirma a concepção de recinto, por onde adentra-se ao museu. A partir desta cota de acesso, desta base que sublinha a gravidade e o peso do conjunto, um grande átrio vaza a torre internamente, até a cobertura; o adentrar ao museu é gerador de uma surpreendente sensação de leveza.

Contradições: em Siza nada é evidente e, neste objeto de exceção na cidade, o gesto exacerba-se.

Figura 12 - Fundação Iberê Camargo, planta do primeiro pavimento. A(caféteria e área administrativa); B (esplanada); C (recepção do museu)



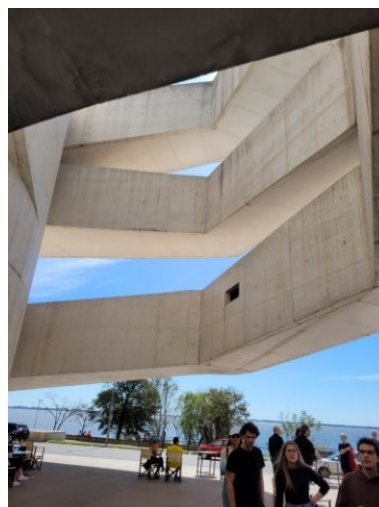
Fonte: Manipulação da autora, a partir do Site Archdaily, 2021.

Figura 13 - Fundação Iberê Camargo, esplanada de acesso: conexões com passeio público, paisagem e largueza do Guaíba. Cidade acolhedora, via abordagem monumental / territorial



Fonte: Doação do fotógrafo José Marcos Neutzling, 2022.

Figura 14 - Fundação Iberê Camargo, operações formais sobre a esplanada de acesso



Fonte: Doação do fotógrafo José Marcos Neutzling, 2022.

Figura 15 - Fundação Iberê Camargo, moldura / base unificadora

Fonte: Doação do fotógrafo José Marcos Neutzling, 2022.

No volume 1, o primeiro pavimento tem a função básica de recepção: encaminhamentos e rampas são logo identificáveis ao entrarmos no hall, mais uma vez a estreiteza do terreno exige comedimentos, mas a torre que parecia atarracada, um pouco tímida – como muitos outros edifícios de Álvaro Siza, avança para o espaço superior, potencializa em muito a dimensão do edifício. Os segundo, terceiro e quarto pavimentos são integralmente destinados às atividades de museu, e neles há grandes espaços de exposição perimetrais e envolventes ao grande átrio, destinados aos quadros e painéis de Iberê e demais obras de artistas visitantes, abrigando instalações de grande porte, quadros e esculturas maiores. Há ambientes menores, salas que se afastam do átrio e se aproximam da envoltória da edificação, que podem ser fechadas por painéis deslizantes, ou se conformarem como continuidade aos grandes espaços, quando abertas. Tais salas menores se mostram mais apropriadas para pequenos objetos de arte e, eventualmente, abrigam reuniões e debates informais. Os grandes espaços de exposição, perimetrais ao átrio, são limitados por peitoris grossos que passam segurança e convidam à aproximação e à contemplação arquitetônica: atração a este extraordinário vão, o átrio. E aqui, o grande trunfo da obra: o passeio arquitetônico que desafia os participantes do espaço, ponto fundamental do programa.

3 O PASSEIO PELA ARQUITETURA

Antes de abordar o passeio pelo museu, alguns aspectos técnicos: saiba-se seus pavimentos são servidos por dois conjuntos de circulação vertical – elevador e escada para o público, além do monta-cargas destinados aos equipamentos e obras. Acima do quarto piso de exposição está a cobertura visitável com uma platibanda alta, o que eleva a altura da torre e camufla casas de máquina e demais equipamentos.

Apesar de os elevadores e escadas, o visitante é levado a utilizar rampas que interligam os quatro pisos: os funcionários da fundação orientam os visitantes a subirem de elevador até o quarto pavimento, para então percorrerem todo o espaço, em descendente, pelas rampas. A exiguidade junto à entrada e à saída do elevador, causa estranheza. Mas logo é permitida uma amplidão pelos espaços de exposição aliados ao grande átrio, leveza que, ao entrarmos nas rampas, é rompida bruscamente. Um momento de reclusão e intimidade após a vivência da grande obra de arte arquitetônica.

Figura 16 - Fundação Iberê Camargo, grande átrio, haal de entrada, encaminhamentos e rampas, assim como espaços envolventes ao átrio, destinados às exposições



Fonte: Doação do fotógrafo José Marcos Neutzling, 2021.

As rampas em balanço, criadas também pelas restrições de espaço e estreiteza interior, quando estão sendo percorridas, fisicamente, estando-se dentro delas, são compactas e claustrofóbicas. Externamente se apresentam como três braços oblíquos e salientes: os tentáculos que, de cima para baixo, começam no quarto pavimento e terminam entre o primeiro e o segundo. São ligações entrepisos que emergem do corpo principal, retílineas e contrastantes com o plano posterior, ondulado, que lhe serve de fundo. A forma operada com variedade, não parece ser excessiva, pelo contrário - e o concreto, todo branco, contribui para isto. São porções destas rampas que emolduram o recinto de acesso à torre, sobre a esplanada, oferecendo uma proteção, um certo limite, e uma visada estimulante para quem se desafiar a olhar para cima - um anel trapezoidal, cuja base maior deixa antever o ondulado.

Figura 17 - Fundação Iberê Camargo. Molduras sobre a esplanada. Plasticidades do concreto



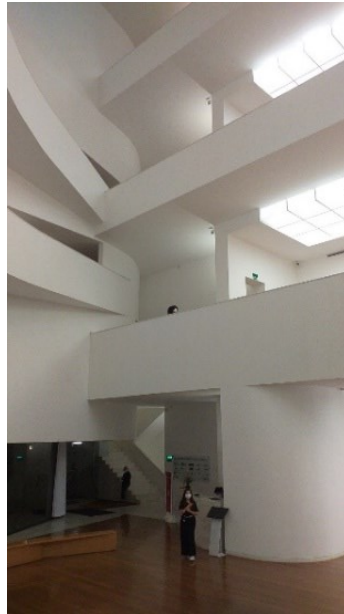
Fonte: Doação do fotógrafo Esdras Tonin, 2020.

4. FACHADAS, ESCALAS, JANELAS

A sobreposição dos pisos não apresenta qualquer indício quando observamos a massa branca exterior, e nem as rampas ou as aberturas, ao olharmos o volume externamente, explicam a organização interna. O bloco resguarda e adia a surpresa do adentrar no ambiente. As aberturas esculpidas na parede massiva enfatizam enclausuramento, interioridade e, novamente, está atuando o museu numa escala territorial, como monumento, propiciando visadas deslumbrantes para o Guaíba, para a cidade. Novos e surpreendentes quadros, desta vez pintados pelo arquiteto. Em toda a composição há “estranhas aberturas”, e mesmo nas paredes junto à escarpa, sutis aberturas possibilitam visadas à rocha vegetada.

As operações complexas nas formas internas da torre surpreendem: são geradas junto a um exterior aparentemente simples. No interior, elementos arquitetônicos em concreto branco - paredes, rampas, peitoris - banhados pela luz, se tornam abstratos, quase se diluem como forma. Entre elementos curvos e os planos, entre as rampas e o corpo do volume, nas dobras interiores junto ao átrio são criadas confluências, concordâncias, mudanças de direção e secâncias. Características que fazem, desta obra, algo instigante.

Figura 18 - Fundação Iberê Camargo, entrada e recepção ao museu desde a esplanada. Átrio



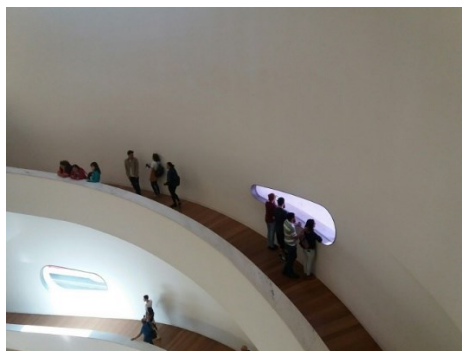
Fonte: A autora, 2022.

Figura 19 - Fundação Iberê Camargo, amplos espaços de exposições envolvem o átrio



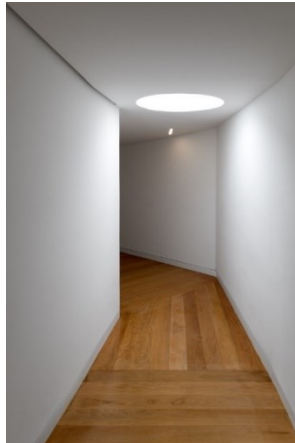
Fonte: A autora, 2022.

Figura 20 - Fundação Iberê Camargo: janelas e rampas abertas



Fonte: Site da Fundação Iberê Camargo, 2008.

Figura 21 - Fundação Iberê Camargo, rampa fechada e abertura zenital



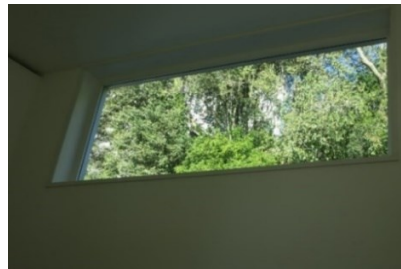
Fonte: Site da Fundação Iberê Camargo, 2008.

Figura 22 - Fundação Iberê Camargo, janelas para a cidade



Fonte: Site da Fundação Iberê Camargo, 2008.

Figura 23 - Fundação Iberê Camargo, janela para a escarpa



Fonte: Blog Camila Schuch, 2008.

Figura 24 - Fundação Iberê Camargo, janela para a escarpa, desde o exterior



Fonte: Site da Fundação Iberê Camargo, 2008.

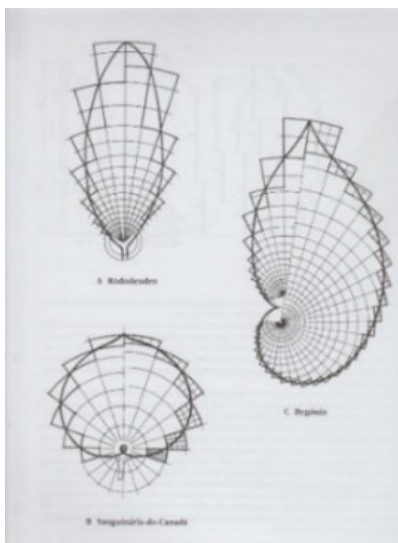
5. A TORRE VEGETAL

No volume principal da fundação, semelhante aos seres vivos, as formas do exterior derivam da pulsão vital do espaço interior. Gyögy Doczi (2008) apresenta algumas folhas, das quais foram selecionadas o rododendro, a begônia e a sanguinária do Canadá; todas combinam linhas radiais e circulares.

Desde que não existe uma palavra adequada para esse processo universal de criação de padrões, um novo vocábulo, dinergia, é proposto. Dinergia é um termo formado por duas palavras gregas: dia – ‘através, por entre, oposto’ – e ‘energia’. (...) essa energia dinérgica é a energia criadora do crescimento orgânico. (Doczi, 2008, p. 3).

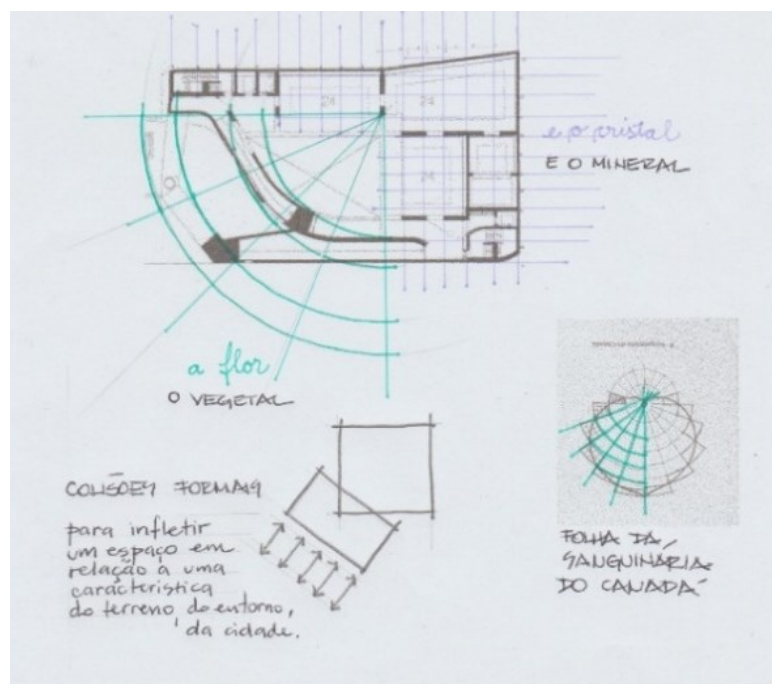
Há um padrão dinérgico que determina e, ao mesmo tempo, é a própria estrutura do vegetal; criam-se padrões diversos a partir de uma dinergia comum, uma urdidura e um tramado. Segundo Zein (2003), a síntese é o começo e não o final da forma. Na torre, a urdidura (disposição inicial ou estrutura de fios para execução de um tecido) origina-se no centro do átrio, e o tramado (entrelaçamento de fios, materiais que se cruzam) ainda que não absolutamente igual, é dinérgicamente semelhante em todos os pavimentos. Temos a unidade e a consistência da forma. Considera-se que a urdidura tem força centrífuga e dilata; e a trama tem força centrípeta e contrai. Doczi (2008) também apresenta projeções ortográficas de uma pinha, onde é possível observar padrões dinérgicos ao desenho do volume protagonista da Fundação Iberê Camargo, assim como dinergias em relação aos movimentos proporcionados estando-se em seu interior: estamos diante de formas pertinentes, não gratuitas.

Figura 25 - Rododendro, Begônia, Sanguinária do Canadá: Dinergias, urdidura e tramado



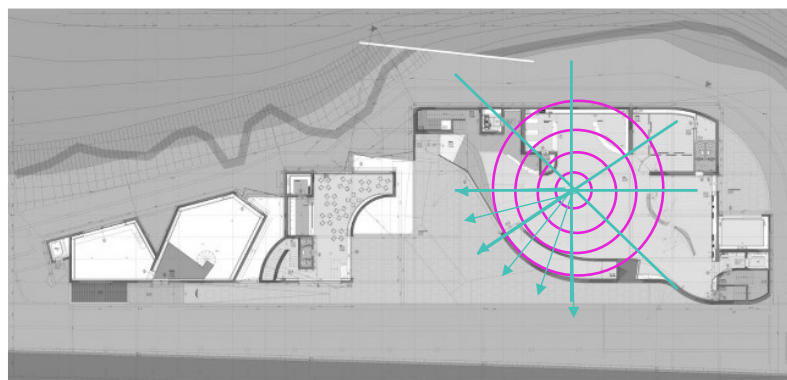
Fonte: Doczi, 2008, p.12.

Figura 26 - Estudos acerca das estruturas dinérgicas - Fundação Iberê Camargo e a Sanguinária do Canadá; urdidura se expande em direção à esplanada



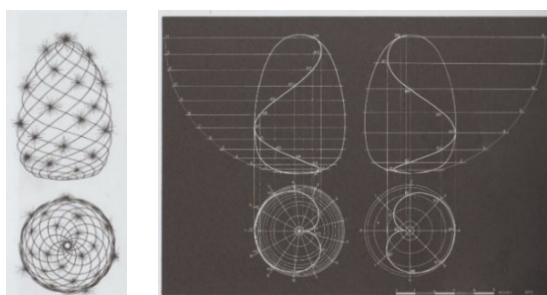
Fonte: A autora, 2020.

Figura 27 - Fundação Iberê Camargo, planta baixa. Estudos para a torre - urdidura em verde, trama em rosa

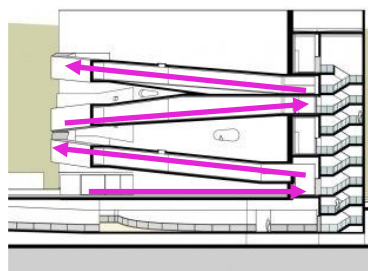


Fonte: A autora, a partir do Site Archdaily, 2023.

Figura 28 - Estudos para a Pinha. Vistas ortográficas frontal e superior



Fonte: Doczi, 2008.

Figura 29 - Corte da torre da Fundação Iberê Camargo, percursos em dinergia com a trama

Fonte: A autora, a partir do Site Vitruvius, 2023.

Figura 30 - Fundação Iberê Camargo. Tramados. Percurso helicoidal na torre

Fonte: A autora, a partir do Site Archdaily, 2020.

5.1 Coreografias na flor, a urdidura dilata e a trama contrai

Ao entrarmos na espiral vegetal, a partir da cota de acesso, o átrio vaza o volume até a cobertura, conectando visualmente todos os pisos e possibilitando uma visão global do interior do edifício. Começa a ser desvelada a lógica da concepção arquitetônica; o participar desta obra oferece sempre surpresas. Novos crescimentos, novas vivências: uma forma pertinente ao passeio / coreografia proposta. O espaço do átrio dilata, as rampas contraem, está manifesto o princípio gerador da forma arquitetônica. O átrio está no domínio do visual. O visual tende ao ideal, e o ideal contrai. A materialidade do espaço exige a experiência corpórea. A emoção, por ser movimento, dilata. É exigido o movimento que gera a instabilidade, e só a instabilidade é que pode nos desafiar a novas descobertas. O olhar junto ao átrio tudo perscruta, mas o movimento para (e nas) rampas é lento. Estando-se dentro delas, submetidos à opressão/ contração que exercem, ascende o desejo da liberdade. Então, aquilo que era contração, se dilata. Este ritmo, que arrebatava e acalma, é muito apropriado ao programa museológico. A introspecção que concentra e contrai é fundamental para a nova entrada na extroversão que expande e dilata. As rampas internas e as rampas - tentáculo são pontes e matéria para experimentação ativa e dinâmica. Reiniciam a experiência do átrio. São produzidos novos agenciamentos: ativos e dinâmicos. O que

era só olhar, tende a se contrair; assim, a relação estática forma-matéria tende a se direcionar em favor de uma relação dinâmica, de forças. Pode se dizer que, na atarracada torre, a urdidura origina-se no centro do átrio e o tramado, ainda que não absolutamente igual, é dinergicamente semelhante em todos os pavimentos. Temos a unidade e a consistência da forma, produzida nas coreografias de Álvaro Siza.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidenciou a geometria de um projeto como geratriz de vários de seus elementos: a relação com o lugar, a modulação entre as diferentes escalas envolvidas na arquitetura – objeto propriamente dito, e sua função na cidade, os percursos e a vivência na obra e, para além disso, uma possibilidade de atuação do participante do espaço, onde o arquiteto, além de moldar a forma, modela a fruição dentro dela. Fundamentos do esforço de Siza para construção de uma escala do território - monumental, fomentando o desenvolvimento de um entorno urbano e tessitura de cidade, e propiciando belas experiências a quem visitar a Fundação Iberê Camargo, ao sul da América do Sul.

REFERÊNCIAS

DOCZI, Gyögy. **O Poder dos limites**. São Paulo: Editora Mercuro, 2008.

FONTANA, V.; REED, S. **Mais degradado que Cerrado e Amazônia, Pampa é o bioma menos protegido do país**. Revista National Geographic Brasil, 04/10/2019, disponível em <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/10/degradacao-cerrado-amazonia-pampa-bioma-brasil-rio-grande-do-sul-vegetacao>; acesso em 10/04/2023.

KIEFER, Flávio (org.) **Fundação Iberê Camargo: Álvaro Siza**. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

LUCA, Adriana de. **Fundação Iberê Camargo, Álvaro Siza. Uma Aproximação Crítica**. Dissertação. Porto: FAUP, 2009, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/119347>; acesso em 23/12/2020.

MONTANER, Josep Maria. **As Formas do Século XX**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

SIZA, Álvaro. **Entrevista de concedida à Archtrends Portobello**, em 21 de outubro de 2021, disponível em <https://www.portobello.archtrends>; acesso em 21/10/2021.

ZEIN, Ruth Verde. A Síntese não é ponto de chegada, mas de partida. Em: LARA, F.; MARQUES, S. (org). **Projetar/Desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto**. Rio de Janeiro: EVC Editora. 2003, p. 81-84.

<https://www.portobello.archtrends>; acesso em 21/10/2021.

<https://www.moma.org/collection/>; acesso em 05/01/2022.

<https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects>; acesso em 05/01/2022.

<https://lanfer.arq.br/>; acesso em 24/07/2022.

<https://www.archdaily.com.br/>; acesso em 12/09/2022.

<http://camilaschuch.blogspot.com>; acesso em 12/09/2022.

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/01.001/2106>; acesso em 12/10/2022.

<http://boxxbrasil.blogspot.com/2010/03/museu-ibere-camargo.html>; acesso em 02/04/2023.

<https://revistaprojeto.com.br/>; acesso em 09/04/2023.

<http://iberecamargo.org.br/blog/>; acesso em 10/04/2023.

<https://portoalegredecima.wordpress.com/>; acesso em 10/04/2023.

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/porto-alegre.html>; acesso em 10/04/2023.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Alagoas / UFAL, que incentiva e investe em meus estudos de doutoramento, em especial aos colegas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Ao Programa de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PROPARG / UFRGS, em nome de seus funcionários e professores, pelas grandes possibilidades de conhecimento que têm me propiciado.

Ao Professor Doutor Sérgio Marques, orientador e incentivador, fundamental para meu desenvolvimento como pesquisadora.